

## Paraíba

### **Só depois de romper o ciclo de pobreza, Maria Helena se tornou a mulher que nasceu para ser**

Maria Helena Silva Barbosa é uma agricultora experimentadora de 41 anos que vive com o marido Antônio José Barbosa, conhecido como Tota (38) e os filhos Guilherme (13) e Laura (8), na comunidade de Goiana, no município de Solânea. A comunidade fica na região do Curimataú, uma das regiões mais secas do território de atuação do Polo da Borborema.

Quarta filha dos seis de Maria das Graças e Manoel da Silva, Maria Helena viveu todas as dificuldades de uma vida marcada pelas estiagens, quando não havia políticas públicas adequadas para a convivência das famílias rurais com o Semiárido.

Além disso, a família não tinha terra própria. Eles moravam na propriedade do avô materno de Maria Helena. Nessa época, a mãe criava cabra, ovelha e perua, todos no sistema de meia com os vizinhos. A menina, aos 7 anos, já trabalhava fazendo broca e queimando coivara nos roçados dos outros, que seu pai trabalhava no inverno.



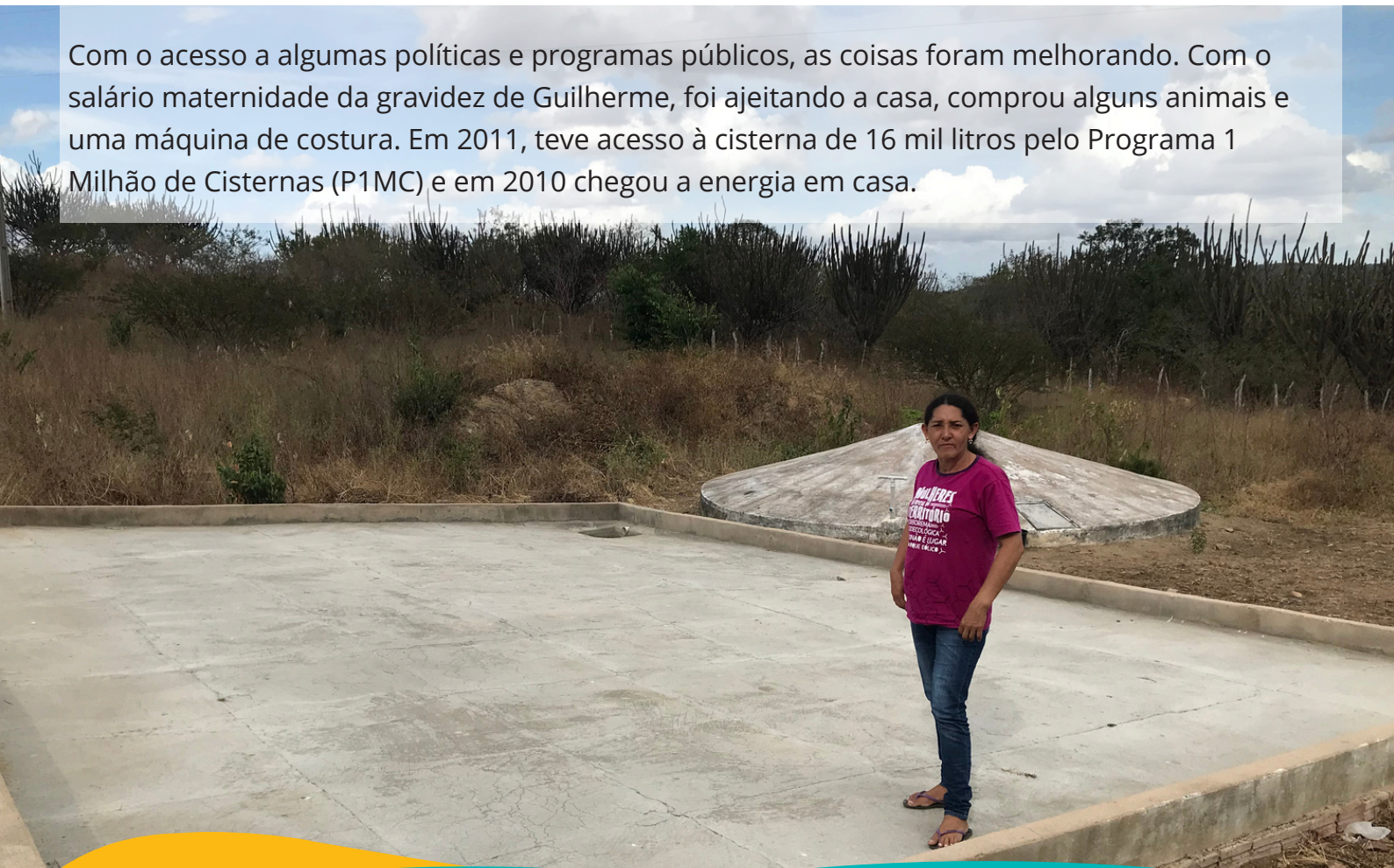
Aos 10 anos, a mãe começou a trabalhar de auxiliar na escola da comunidade e ela assumiu com uma irmã os cuidados com a casa e com os irmãos mais novos. Um ano depois, Maria Helena começou a frequentar a escola. Metade da semana, ela ia e, na outra metade, era a irmã, porque uma tinha que ficar tomando conta da casa. Para escrever, ganhava folhas do caderno dos colegas e o lápis sempre era emprestado. Terminou a 4ª série com 18 anos e não seguiu os estudos por conta da pesada carga de trabalho.

Mais tarde, para reforçar os ganhos da família, foi trabalhar com o pai na colheita e no beneficiamento do agave, cultura muito forte na região e que se apresentava como única alternativa de renda nos períodos de estiagem. Neste período, as longas caminhadas para pegar água também faziam parte da rotina da família e de Maria Helena.

Aos 26 anos, casou-se com Tota e foi morar na terra do avô dele, numa casa de taipa cedida pelos parentes sem energia elétrica e água. Para ela, foi como estar na pele da mãe. Maria Helena passava muitas horas sozinha, enquanto Tota trabalhava nos roçados alheios. Pra conseguir água, ou pegava nas cisternas dos vizinhos e parentes ou andava muito para buscar em barreiros.

Mas Maria Helena tinha um grande apoio da sogra, dona Irene, agricultora experimentadora referência no território da Borborema. A convite de dona Irene, começou a participar de formações e intercâmbios organizados pelo Polo da Borborema e AS-PTA. De início, por ser muito tímida e estar com depressão, não era tão fácil estar nas reuniões, apesar de gostar de ir.

Com o acesso a algumas políticas e programas públicos, as coisas foram melhorando. Com o salário maternidade da gravidez de Guilherme, foi ajeitando a casa, comprou alguns animais e uma máquina de costura. Em 2011, teve acesso à cisterna de 16 mil litros pelo Programa 1 Milhão de Cisternas (P1MC) e em 2010 chegou a energia em casa.





Nessa época, o roçado da família era na terra do pai de Maria Helena e em outra propriedade. Trabalhavam no sistema de meia. Também criavam quatro garrotes, seis ovelhas, muitas galinhas e perus, uma porca e uma cabra.

Em 2012, Maria Helena vendeu boa parte das suas criações, a casa onde moravam e uma bicicleta, recebeu uma ajuda financeira da mãe, e assumiu as parcelas do crédito fundiário pelo Banco da Terra para, enfim, ter seu próprio pedaço de chão com 17 hectares.

Na nova terra, havia uma casa e uma cisterna com vazamento. Não era cercada e estava tomada pelo mato. “Até as palmas plantadas estavam vendidas pelo antigo dono. Era um sacrifício por água e comida para os restante dos bichos. No ano seguinte, o inverno foi muito ruim e a gente não colheu quase nada do roçado. Tudo parecia que ia ser muito difícil, eu tinha medo de não conseguir pagar a parcela da terra, mas foi só nesse lugar, na minha terra, que comecei me sentir gente”, conta Maria Helena.

Em 2013, a família acessou pela primeira vez o Pronaf e construiu o cercado das cabras e dos bois e plantou um campo de palma. Nesse mesmo ano, o quintal de casa recebeu a cisterna de 52 mil litros do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2).

Após a segunda gravidez, Maria Helena procurou tratamento para a depressão, que surtiu efeito. Daí em diante, participou mais das reuniões da associação e até começou a pilotar moto. Também aderiu ao Fundo Rotativo Solidário (FRS) das mulheres que há na comunidade e acessou um kit de telas. Mesmo cercado, os pintos continuavam fugindo. Foi aí que Maria Helena fez uma cerca viva de babosa acompanhando a tela do galinheiro, que resolveu o problema.

Acessando o FRS, Maria Helena melhorou muito o seu quintal. Além das telas, que também cercam as ovelhas, construiu um fogão ecológico para fazer os bolos que vende na comunidade e entrega de moto, e canteiro sombreado, onde são cultivadas as verduras e hortaliças que melhoraram a qualidade da alimentação da família. Nele, também produz mudas para vender.

Maria Helena também usa o canteiro para saber quais plantas se adaptam melhor na sombra ou no sol. Ela cultiva a mesma espécie dentro e fora do canteiro e vem observando seu desenvolvimento.

Pelo FRS também acessou o sistema de reuso de água servida, que aperfeiçoou a sua estratégia de reaproveitamento das águas das pias. Antes, Maria Helena tinha transformado um tonel do tanquinho de lavar roupa num local para guardar a água cinza. Agora, com o sistema de reúso, ela não precisa ter o trabalho de aguar as plantas de balde, nem corre o risco de uma infecção por não ter contato direto com a água. A irrigação é feita por gotejamento e tem dado vida às frutíferas e às palmas resistentes, também recebida via FRS. “Nada disso eu consegui sozinha. Na comunidade a gente se ajuda o tempo todo, principalmente as mulheres, a gente compartilha tudo”.

Os intercâmbios foram fundamentais para tanta mudança. Conhecendo mulheres de outros lugares, teve novas ideias que foram testadas. Hoje, é ela quem partilha muitas inovações com as outras mulheres que a visitam. “Hoje eu sou uma líder na comunidade. Sou coordenadora do FRS junto a outras companheiras, tô ajudando na associação, faço parte da comissão municipal de mulheres e da regional também”, diz ela que, em 2021, participou pela primeira vez da Marcha Pela Vida das Mulheres e Pela Agroecologia e nunca mais parou.



## Ouçá a história da família:

Para ouvir este Candeeiro, aponte a câmera do celular para o QR Code ao lado:

**AD**



Assista aqui Maria Helena falando sobre sua vida como agricultora:



Assista ao filme Mulheres do Curimataú:

